



Bárbara
Carine

E eu, não sou intelectual? *

* um quase manual
de sobrevivência
acadêmica



Planeta

TRECHO ANTICIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

**E eu,
não sou
intelectual?**

Copyright © Bárbara Carine Soares Pinheiro, 2025

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

Todos os direitos reservados.

Preparação: Júlia Braga

Revisão: Layane Almeida e Caroline Silva

Projeto gráfico e diagramação: Gisele Baptista de Oliveira

Capa: Isabella Teixeira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Carine, Bárbara

E eu, não sou uma intelectual? : um quase manual de sobrevivência acadêmica / Bárbara Carine. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.

160 p.

Bibliografia

ISBN: 978-85-422-3165-6

1. Educação 2. Ciências sociais I. Título

25-0094

CDD 370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo e de outras fontes

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Denominei-me intelectual diferente por me perceber uma pensadora que não se permite moldar no padrão performático da intelectualidade ocidental, esse sisudo, com pouca leveza, pouca liberdade, formatado unilateralmente para prescrever o nosso modo de falar, de vestir, de sentir, de existir. Esse padrão de intelectualidade que estabelece autores brancos homens cis europeus e estadunidenses como os guardiões das “verdades” epistêmicas, esse padrão que prevê que intelectual não toma um porre, não ri de bobagens, não transa, não dança, não chora, não ama... ou, se faz tudo isso, tem que fazer de modo imperceptível. Ou ainda esse padrão tenso mesmo, que parece que existe principalmente para aterrorizar a vida de quem está pedindo a ele a bênção para acessar o seu “Olimpo” intelectual; esse padrão que humilha candidatos a uma vaga de mestrado e doutorado na banca de seleção,

que, por puro sadismo, ridiculariza pesquisadores de pós-graduação em suas bancas de defesa diante de suas famílias e muito mais. É óbvio que a intelectualidade ocidental tem construído o mundo há séculos, impulsionando o desenvolvimento sócio-histórico da humanidade nos âmbitos científico, tecnológico, literário, filosófico, artístico etc. Não há como negar a importância da intelectualidade ocidental, mas será que não dá para fazer isso de outro modo? Mais humanizado e humanizador? Um jeito mais justo, no qual conhecimentos não andem na contramão dos afetos?

Nomeei-me intelectual diferente, mas refletindo muito decidi que não quero ser “diferente”. Desejo um espaço social em que eu apenas seja e não difira, destoe ou seja vista como uma intelectual “café com leite” (como a gente falava na infância na minha favela), sem seriedade, alguém que não está de fato inserida na “brincadeira”. Talvez na intelectualidade ocidental eu seja sempre uma estrangeira, mas e se de repente eu criar um espaço acolhedor para os/as dissidentes como eu? Obviamente eu não sou a única; existem muitos outros na contramão do conservadorismo acadêmico ocidental. Quem sabe a intelecpluralidade seja uma saída... ou

uma entrada, uma porta de acesso a nós mesmos, às nossas próprias normalidades cotidianas que, para a academia em questão, não passam de in-subordinações pitorescas e idiossincráticas.

Ao longo dos meus estudos de pós-doutorado na Cátedra de Educação Básica da Universidade de São Paulo (USP) em 2022, sob a supervisão da brilhante professora Dra. Gislene Aparecida dos Santos, a única professora negra do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP) na ocasião do meu pós-doc, criei o conceito de intelecpluralidade. Talvez aqui neste parágrafo você tenha até sentido vontade de ir embora. Em um só trecho reuni palavras como “conceito”, “pós-doutorado”, “cátedra” e “USP”, que comumente remetem a uma escrita técnica com uma linguagem de difícil acesso. Mas não é nada disso, não. A intelecpluralidade vai justamente na contramão dessa perspectiva de uma intelectualidade dura, que eu até tentei contrariar intitulado-me uma intelectual diferentona, mas não tenho interesse em ser atípica dentro de um conceito. Existe uma separação entre as pessoas intelectuais e as intelectuais diferentonas, e eu quero caber em uma adjetivação que me represente, mas não me marginalize. (Se você me segue nas redes sociais, não se preocupe.

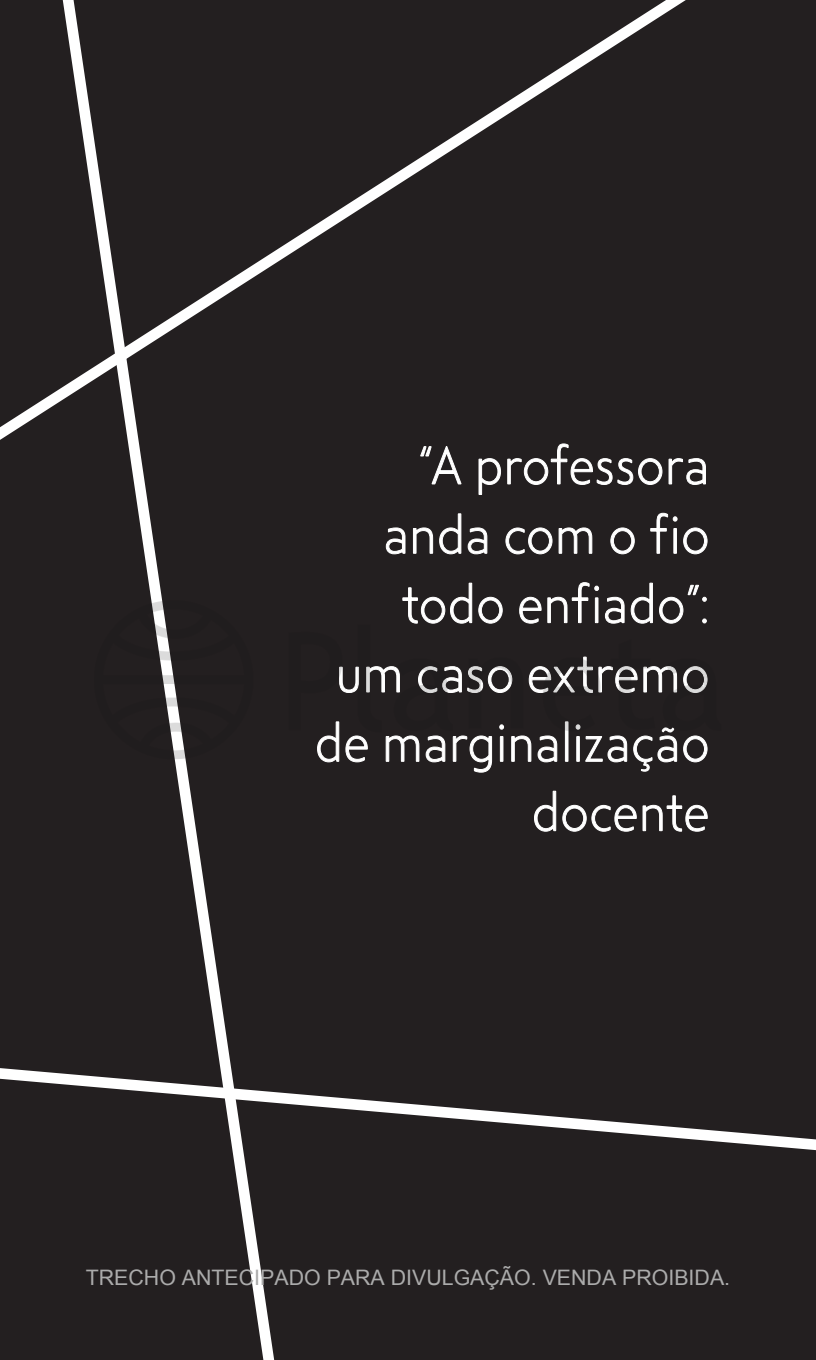
Sei que por lá a galera curte o codinome “intelectual diferentona” e, assim, eu o mantereí.) Como procurei um conceito que abarcasse a minha perspectiva de intelectualidade e não achei, criei a intelecpluralidade, que não tem o intuito de ser um mero neologismo. **A intelecpluralidade é uma categoria de descolonização do pensamento que pauta a ruptura com o modelo único de intelectualidade imposto pela óptica bran-cocêntrica ocidental, prevendo uma ritualística epistêmica e performática para a constituição da pessoa intelectual.**

Cabe aqui destacar que este livro realiza o exercício de apresentar tanto a ideia de intelecpluralidade quanto, sobretudo, de que forma, dentro dessa perspectiva, várias tensões acadêmicas muito corriqueiras no nosso cotidiano são lidas e por vezes solucionadas.

“Pronto, Bárbara. Você cometeu o suicídio literário de anunciar o conceito central do livro logo na apresentação. Agora já tenho o que preciso para citar no texto da minha pesquisa e não lerei o restante da obra.” Peço por favor que não faça isso. Não apenas por vaidade pessoal, mas principalmente porque a ideia deste livro é ser um percurso de descobertas e autoconhecimentos, em relação à construção não só do ideário de intelectual brasileiro,

como também do entendimento de quem você é nesse contexto e do porquê de ter escolhido esse caminho por vezes único.



The background is a solid dark gray. It is overlaid with several thick white lines that intersect to form a grid-like pattern. One line runs diagonally from the top left towards the bottom right. Another line runs diagonally from the top right towards the bottom left. A third line runs horizontally across the middle. A fourth line runs vertically on the right side. These lines create various rectangular and triangular shapes across the page.

“A professora
anda com o fio
todo enfiado”:
um caso extremo
de marginalização
docente

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Deixe a minha raba

Você diz que a minha dança é vulgar
A vulgaridade vem de dentro do seu lar
Da morada da sua mente
atrasada, dopada, travada
Que trava a face diante dos
corpos não mortos em vida
Corpos postos no mundo como penas
Pena que voa livre levada pelo vento
Pena que você não está aqui
Pra ver como a minha dança me faz
sorrir
Pra relaxar a sua cara sisuda
e movimentar no baile da vida
Pra dificuldade
Um chambre
Uma ginga

Um plié
Uma mandinga
Uma sarrada
Uma botada
Diante da sua boca torta que dizia
Intelectual ela não seria
Pois se assim o fosse
Não dançava
Se importava com uma
sociedade vazia de si
Que nos enche de hipocrisia
Deixe a minha raba
Que não trava
Como trava a sua garganta
Diante dessa vida amarga²

2 Poema extraído do livro *Uma intelectual diferente* em verso e prosa.